

UMA BIOGRAFIA COSMOPOLITA DE JOSÉ RELVAS: UM «VIAJOR» ENTRE ARTE, COLECIONISMO E AÇÃO POLÍTICA

JOSÉ RAIMUNDO NORAS*

NUNO PRATES**

Resumo: *José Relvas (1858-1929) revelou sempre entusiasmo pelas viagens as quais preparava pormenorizadamente. Do seu périplo a países como Espanha, França, Alemanha, Holanda e Bélgica legou-nos manuscritos inéditos, focados essencialmente na arte e na museologia da época. A escolha de Leipzig, para a educação do seu filho Carlos de Loureiro Relvas (1884-1919), a participação na Exposição do Século, em Paris, no verão de 1900, bem como as diversas idas a Madrid, evidenciam na sua amplitude formativa o impacte identitário desse cosmopolitismo. Através das viagens ganha consistência o seu lugar no país e no mundo, essencial para a afirmação da sua personalidade e sensibilidade culturais e para a definição da sua mundividência.*

Enquanto líder republicano, Relvas compreendeu que uma República não sobreviveria isolada no contexto geopolítico da Europa, encetando com Alves da Veiga e Magalhães Lima uma «viagem diplomática» aos centros nevrálgicos de decisão política e económica da sua época: Paris e Londres. Enquanto embaixador em Madrid, a sua grande aspiração foi o incremento de laços entre os dois estados por intermédio de uma política de aproximação cultural e comercial.

As viagens realizadas por José Relvas ajudam a identificar uma personalidade que se afirma pela procura e construção do belo ideal, já não apenas o dos inícios da Idade Moderna, mas sim um novo conceito, do século XX, associado ao homem novo, ao cidadão da República.

Palavras-chave: *José Relvas; Viagens; Colecionismo; Mercado de arte; Republicanismo.*

Abstract: *José Relvas (1858-1929) always showed enthusiasm for voyages which he prepared in detail. From his travels to countries such as Spain, France, Germany, Holland, and Belgium he left us unpublished manuscripts focused, essentially, on the fine arts and the museums of that time. The choice of Leipzig for the education of his son Carlos de Loureiro Relvas (1884-1919), the participation in the Exhibition of the Century in Paris in the summer of 1900, as well as the various trips to Madrid show us an impact of this cosmopolitanism in the formation of his identity. Throughout these voyages, his place in the world becomes consistent with a cultural persona, essential for the affirmation of his sensibility and the definition of his worldviews.*

As a Republican leader, Relvas understood that the Portuguese Republic would not survive alone in the geopolitical context of Europe. Together with Alves da Veiga and Magalhães Lima he promoted a «diplomatic trip» of the Portuguese Republican Party to the political and economic decision-making centers of their time: Paris and London. As ambassador in Madrid, his great aspiration was the increase of ties between the two states through a policy of cultural and commercial approaches.

* Investigador do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CH-ULisboa), doutorando do PIUDHist e bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) (SFFH/BD/132222/2017). Licenciado em História e mestre em História da Arte pela FLUC. Email: jmrnoras@gmail.com.

** Conservador da Casa dos Patudos — Museu de Alpiarça (CP-MA), desde 2011. Licenciado em História (variante de Arqueologia) e Ramo de Formação Educacional pela FLUC e pós-graduado em Museologia pela Universidade de Évora. Mestrando em Gestão e Valorização do Património Cultural — especialidade Património Artístico e História da Arte (Universidade de Évora), professor de História, investigador em História Local e Regional e museólogo. Emails: nuno.prates@cm-alpiarca; nunoliveiraprates@sapo.pt.

The travels made by José Relvas help to identify a personality connected to the search and construction of an ideal of beauty, not only like the one of the beginnings of the modern age but a new concept of the twentieth century, associated with the ideal new man: «the citizen of Republic».

Keywords: José Relvas; Travelling; Collecting; Art markets; Republicanism.

INTRODUÇÃO: BREVE SÍNTESE BIOGRÁFICA DE JOSÉ RELVAS (1858-1929)

Muito sucintamente apresentamos uma sùmula biogràfica de José Relvas. Estamos perante uma pessoa que nasceu no contexto social e polìtico conotado com o liberalismo, em famílias com interesses agràrios e comerciais, ligado por parte da mãe à Beira (Viseu e Condeixa) e por parte do pai ao Ribatejo (Golegã). O seu pai Carlos Relvas (1838-1894) foi um conhecido lavrador e *sportsman*. O seu avô materno, Jerónimo de Azevedo (1805-1885), foi médico e polìtico liberal, tendo sido o 1.º Conde de Podentes. Relvas iniciou a sua formação em Coimbra, onde não terminou o curso de Direito, para depois concluir o Curso Superior de Letras, em Lisboa. Nestes meios iria contactar com várias gerações de republicanos. Ele próprio faria radicar a sua ideologia aos «tempos de faculdade»¹.

Logo após o fim dos estudos casou-se no contexto da família Silva Mendes, com a prima segunda Eugénia de Loureiro Mendes (1865-1951). No ano seguinte, passou a gerir a casa agràcola da família da qual se tornou administrador, após desentendimento com o detentor do cargo. Ao mesmo tempo, logo muito novo começa a investir e a dedicar-se à sua coleção de arte.

Nos dias de hoje, José Relvas é mais conhecido como líder republicano. No entanto, só veio formalmente a aderir ao Partido Republicano Português (PRP) em 1907, já com 50 anos de idade e com todo um percurso profissional consolidado como lavrador e como homem de negócios. Nesse tempo, também era reconhecido publicamente o seu talento como músico, como crítico de arte, bem como no papel social de mecenas, situação que lhe valeu uma comenda belga, ainda durante a juventude (grau de cavaleiro da Ordem de Leopoldo, em 1885)².

Na política, onde se envolveu ativamente após passagem pelas lutas agràrias e contra os governos de João Franco (1855-1929), veio a ser eleito em 1909 para o Diretório do PRP, com objetivo de instaurar a República por meios revolucionários, se necessário fosse. Assim aconteceu, em 5 de outubro de 1910, na varanda da Câmara Municipal de Lisboa, foi um dos homens que proclamaram a República. Depois, no novo regime, exerceu vários cargos polìticos. Foi ministro das finanças entre 1910 e 1911.

¹ RELVAS, 1977: 70.

² AHCP — *Fundo Família Relvas*, «José Mascarenhas Relvas», cx. 102. (BÉLGICA. Legação (1885) — [Carta] 1885 set. 22 [a] José Relvas, arqueólogo, enviando diploma do grau de cavaleiro da Ordem de Leopoldo).

Foi ministro plenipotenciário e enviado especial a Madrid entre 1911 e 1913, situação que acumulou com o mandato de senador, o qual exerceu ativamente até ao fim de 1914. Nessa altura, entrou em rutura com o sistema partidário republicano recusando quaisquer outras funções e fazendo voto de abandonar a política. Retornaria, porém, ao Governo em 1919³, como presidente do ministério e ministro do interior, num curto Governo de 62 dias, com a missão de «salvar a República» num contexto de guerra civil⁴.

DINÂMICAS DAS VIAGENS EM PORTUGAL E NA EUROPA: ENTRE A ARTE, OS NEGÓCIOS E A POLÍTICA

Recentrando o discurso na abordagem deste artigo, escolhemos a palavra «viajor» por se tratar de uma expressão da época documentada em quem encetava viagens e delas trocava cartas ou fazia publicar crónicas. Foram esses os casos de José Relvas. Para construirmos esta análise, seguimos em primeiro lugar a correspondência. Desde logo, esta possibilita conhecer melhor o percurso académico de José Relvas e acompanhar os seus lugares ao longo da vida. Este fez o exame de instrução primária em Coimbra, onde depois continuou os estudos no Seminário e na Faculdade de Direito. A correspondência permitiu mapear os percursos de Relvas entre 1868 e 1927, desde as primeiras letras aos últimos anos de vida⁵.

Deste modo, com base no epistolário e nas fontes impressas elaboramos dois mapas das viagens de José Relvas correlacionadas com tipo de vivências motivadoras dessas mobilidades nas localidades que frequentou. Assim, por exemplo, temos Golegã, Condeixa, Sertã e Viseu ligadas às vivências familiares e às rendas do património que a família aí obtinha. Para além da agricultura, as suas famílias materna e paterna eram grandes senhorios, quer de prédios rústicos quer de prédios urbanos. Associadas aos estudos estiveram Coimbra e Lisboa, embora esta última esteja correlacionada com todo um outro tipo de vivências: culturais, artísticas, políticas e comerciais. No fundo, como se abordará de seguida, não só a coleção se torna também num negócio, como o nosso «viajor», desde cedo, investiu na bolsa de valores, atividade que continuará a desenvolver ao longo da vida. Por fim, temos o que se pode chamar de tempo de lazer, sobretudo relacionados com o Minho e com o Norte. Da passagem por Caldas de Vizela escreveu uma descritiva carta à mãe e, pouco tempo depois, fez publicar, anonimamente, um texto semelhante na revista «A Volta ao Mundo»⁶, dirigida por Teófilo Braga (1843-1924). Em Espinho, a família toda reunia-se e passava os verões, enquanto José, a esparsu

³ Sobre estas últimas funções políticas veja-se BATISTA, 2015: 57-66.

⁴ Para biografias mais completas de José Relvas vejam-se os seguintes trabalhos: SERRA *coord.*, 2008; NORAS, 2009; BATISTA, 2016.

⁵ Referimo-nos em específico à correspondência recebida no AHCP, cx. 1 a cx. 57, bem como à expedida para familiares, mãe, filho e esposa (cx. 10, cx. 309 e cx. 315, respetivamente).

⁶ RELVAS, 1881: 246.

tempo, iria lá ter, sempre ocupado com a gestão agrícola. Aparece-nos também Salamanca demonstrando que as viagens a Espanha eram frequentes desde finais do século XIX, embora nem todas estejam documentadas: terá sido nesta cidade que se refugiou quando temia ser preso durante os governos de João Franco⁷.



Fig 1. Viagens de José Relvas em Portugal: dinâmicas das mobilidades (a partir de fontes do Arquivo Histórico da Casa dos Patudos – Museu de Alpiarça (AHCP-MA) e mapa original em branco da Wikimedia Foundation. Dinâmicas associadas a cores diferentes nos nomes das cidades)

Naturalmente, estas tipologias de vivências não são estanques, como se deslocou a Lisboa em negócios, também, certamente o fez em lazer. No contexto europeu, distinguimos as viagens mais dedicadas à fruição da arte e à instalação do filho que

⁷ RELVAS, 1977: I, 52.

estudou em Leipzig. As viagens a Madrid e a Paris para fruição cultural e compra de arte tornaram-se mais frequentes a partir de 1900⁸. Por outro lado, Madrid foi sede da sua missão diplomática, a qual poderá ter implicado outras deslocações em Espanha. Paris e Londres também estão associadas a uma viagem eminentemente política, feita com Alves da Veiga (1849-1924) e com Magalhães Lima (1858-1928)⁹, a qual serviu para auscultar os governos de França e do Reino Unido perante a possibilidade de uma revolução em Portugal, bem como os principais meios financeiros e noticiosos dessas capitais europeias. A cidade de Bordéus surge associada aos negócios vinícolas.

A correspondência com Bernardino Machado (1851-1944), publicada pelo historiador Norberto Cunha, incluiu uma hipotética viagem empreendida ao Niassa, em 1912¹⁰. A carta atribuída a José Relvas está datada de 1 de novembro de 1912, dando conta da partida nesse mesmo dia. Conseguimos, recentemente, ter acesso ao documento original¹¹. Não nos parece possível esta carta ser de José Relvas. A caligrafia é distinta e a assinatura parece-nos do militar, administrador colonial e político João Belo (1878-1928). Na realidade, alguém, não necessariamente Bernardino Machado, escreveu na margem «José Relvas» contribuindo para esta identificação. Como está documentado, José Relvas regressou a Madrid, a 10 de novembro de 1912, depois de um período de licença por doença em Portugal¹². Em nove dias não poderia ter empreendido uma viagem de ida e volta à colónia africana.

Na realidade, esta hipótese era bastante interessante e atrativa e não descartamos, totalmente, que uma viagem semelhante não possa ter ocorrido noutra ocasião. Hipótese que só nova documentação poderá esclarecer. Sabemos que a empresa vinícola da qual era sócio (Adega Regional do Ribatejo) teve interesses comerciais precisamente na colónia da «África Oriental»¹³, para onde exportava parte da produção. Anos depois, na bolsa de valores de Lisboa, José Relvas iria também investir em diversas «companhias coloniais».

⁸ AHCP — *Fundo Família Relvas*, «José Mascarenhas Relvas», cx. 85. (*Notas de Arte e Recordações de Viagem*, [1900-1902], 10 ms); AHCP — *Fundo Família Relvas*, «José Mascarenhas Relvas», cx. 232. (Diário de receita e despesas).

⁹ RELVAS, 1977: I, 77-93; AHCP — *Fundo Família Relvas*, «José Mascarenhas Relvas», cx. 23, pasta 17. (Correspondência de Magalhães Lima com José Relvas, 1909-1910).

¹⁰ CUNHA, 2011: 485.

¹¹ AMBM-CMF — carta n.º 10 ([RELVAS, José] (1912) — [Carta] 1912 nov. 1 [a] Bernardino Machado).

¹² AHDMNE — Processo individual de José Relvas, Processo 300. (RELVAS, José (1912) — [Carta] 1912 nov. 10, Madrid [a] Ministro dos Negócios Estrangeiros). No documento José Relvas informa o ministro que reassumiu as funções após licença sem vencimento por motivo de saúde.

¹³ PAZ, 2013: 123.

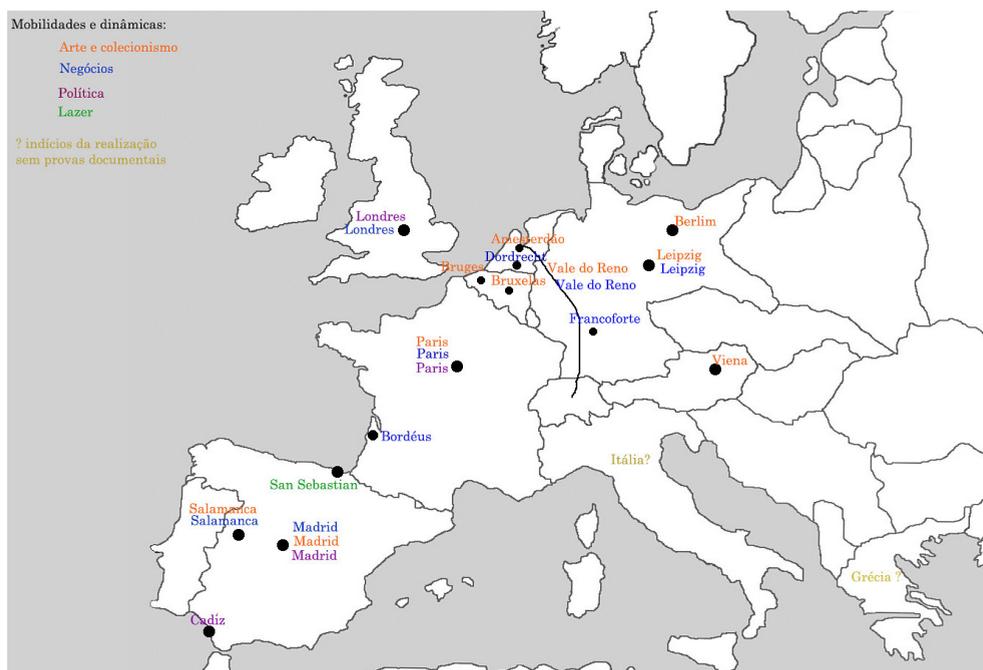


Fig. 2. Viagens de José Relvas na Europa: dinâmicas das mobilidades. (a partir de fontes do AHCP-MA, do Museu Bernardino Machado e de mapa original em branco da Wikimedia Foundation). As dinâmicas são identificadas com cores diferentes nos nomes das cidades

De todas estas viagens, para além do respaldo epistolar e das referências nas *Memórias Políticas*¹⁴, o viticultor deixou inédito um conjunto de manuscritos intitulado *Notas de Arte e Recordações de Viagem*¹⁵. Trata-se de um conjunto de dez manuscritos, com datas extremas entre 1900 e 1902, que aborda viagens e visitas a museus e a monumentos na França, Holanda, Bélgica e Alemanha. Relvas deteve-se em Paris, depois percorreu o vale do Reno, visitou Bruxelas, Antuérpia e Roterdão. Merecem-nos especial referência as passagens por Dordrecht, cidade conotada como importante entreposto vinícola da Europa do Norte; e Francoforte, já nesta época uma praça financeira e comercial de relevo. Os manuscritos incluem um índice remissivo de autores, por isso consideramos que em algum momento ponderou a publicação em livro. Parte destas notas deram origem a artigos publicados na revista «A Arte Musical», dirigida pelo seu amigo Michel'Angelo Lambertini (1862-1920)¹⁶. Nesse periódico cultural também publicou outros textos sobre música e arte, assim como notas de viagens posteriores a Leipzig¹⁷.

¹⁴ RELVAS, 1977.

¹⁵ AHCP — *Fundo Família Relvas*, «José Mascarenhas Relvas», cx. 85. (*Notas de Arte e Recordações de Viagem*, [1900-1902], 10 ms).

¹⁶ RELVAS, 1902: 38-39; RELVAS, 1904: 5-8.

¹⁷ RELVAS, 1903: 99-103; RELVAS, 1909: 293-294.

VIVÊNCIAS E SOCIABILIDADES COSMOPOLITAS: ENTRE OS NEGÓCIOS VINÍCOLAS E OS PERCURSOS PARA A COLEÇÃO DE ARTE

Analisando a vasta documentação do acervo do Arquivo Histórico da Casa dos Patudos (AHCP), tal como tem sido explanado, conseguimos perceber a vida cosmopolita de José Mascarenhas Relvas. Viajava desde jovem, com os pais, um pouco por todo o país, aspeto que se manteve ao longo da vida. Viria a conhecer uma boa parte da Europa, sobretudo as principais capitais da parte ocidental deste continente, como anteriormente documentamos. Em Portugal, trazemos à colação um exemplo de uma viagem à região vinícola de Colares, realizada em família e registada na fotografia de época à guarda do acervo do AHCP.



Fig. 3. «Viagem a Colares», fotografia, J. David Neves (Lisboa), 1910
 Fonte: AHCP-MA — Museu de Alpiarça

A sua vida e os conhecimentos artísticos e culturais que manteve, associados às viagens, vão inspirar o estilo de vida requintado de José Relvas e dos seus familiares diretos materializado no gosto pela boa moda, pelas idas ao teatro e à ópera. Entre outros, correspondeu-se com o dramaturgo Marcelino Mesquita (1856-1919), a quem procurou editar a tradução da peça *Envelhecer* na Espanha¹⁸. Porém, a principal atividade artística

¹⁸ AHCP — *Fundo Família Relvas*, cx. 31, pasta 15. (MESQUITA, Marcelino (1913) — [Carta] 1913 jun. 25, Pontével [a] José Relvas).

da família foi a música. José foi violinista, o filho Carlos desenvolveu estudos de piano em Portugal e na Alemanha, e a esposa Eugénia tocava harpa e cítara.

José de Mascarenhas Relvas veio viver para Alpiarça a partir de 1888, quando herdou a Quinta dos Patudos por morte de sua mãe. Em 1904, decidiu convidar o arquiteto Raul Lino (1879-1974) para realizar uma reformulação da casa que já aí existia, de modo a conferir-lhe novas dimensões. As várias campanhas de obras decorreram num período de 21 anos. A Casa dos Patudos, numa primeira fase, foi projetada e construída entre 1904 e 1906. Depois, em 1914, decorreu uma nova fase de construção. E, por último, em 1926, foi realizado um acrescento com o objetivo expresso de albergar a grande coleção de arte.

Apesar da sua formação em Letras, como vimos, nunca exerceu o magistério. Desde jovem participou diretamente na gestão da casa agrícola da família, aprendendo a trabalhar no mundo rural e nesse tipo de negócios agrários. Conseguiu manter um grau considerável de fortuna pessoal devido a uma meticulosa gestão, a qual numa dezena de anos lhe permitiu debelar o excessivo endividamento da casa dos seus pais. A sua avareza e seu «agudo faro» negocial foram ao longo da vida parodiados na imprensa¹⁹. Contudo, ao mesmo tempo, tal como a mãe, também era conhecido pelas obras de filantropia. A sua boa gestão e fortuna de base agrícola daí resultante permitiram-lhe um estilo de vida desafogado, associado à constante realização de viagens e aos investimentos numa multifacetada coleção de arte.

Em 1895, deslocou-se ao Norte, concretamente ao Peso da Régua, para convidar o enólogo José Bento Moura (?-?), bastante experiente no cultivo e nas técnicas vinícolas mais avançadas, para trabalhar no Ribatejo. Esse duriense nas herdades de José Relvas veio a ser o introdutor dos bacelos americanos, para combate à filoxera, no sul da lezíria do Tejo. A partir de 1907, houve um forte incremento da produção vinícola. Nesse ano, fundou com outros lavradores do distrito de Santarém a Adegas Regionais do Ribatejo. Tratava-se de uma sociedade por quotas da qual o «senhor José Relvas» era o sócio número 8 e foi o primeiro presidente do conselho de administração²⁰. A sede dessa instituição começou por ser na própria Quinta dos Patudos, para depois passar para a Rua do Crucifixo, em Lisboa, onde também se situou a loja. Com os lucros do primeiro ano de laboração foi possível adquirir um armazém em Xabregas, entreposto pioneiro na exportação de vinhos licorosos do Ribatejo para a Europa e para os mercados coloniais²¹. A Adegas seria encerrada em 1913, mas José Relvas manteve parte dos ativos, bem como a capacidade exportadora da mesma. Viria depois a desenvolver a empresa Barca de Portugal, mantendo a exportação durante a Primeira Guerra Mundial, para os grandes centros europeus. Hoje em dia, nos 240 hectares da Quinta dos Patudos continua a ser produzido vinho, conforme o legado à autarquia testamentado por este filantropo.

¹⁹ BELMIRO, 1919: 3.

²⁰ *Adegas Regionais do Ribatejo*. «O Século», 28.º ano, n.º 9671 (19 nov. 1908), p. 1.

²¹ PAZ, 2013: 123-126.



Fig. 4. *Adega Regional do Ribatejo*, Constantino Fernandes, óleo sobre tela, 1910
Fonte: CPMA 86.147



Figs. 5 e 5.1. «Rótulos de Vinho Patudos», Adega Regional do Ribatejo, c. 1908. Fonte: AHCP-MA

Em paralelo a toda essa atividade agrária e à carreira política, José Relvas foi um grande colecionador. A impressionante coleção da Casa dos Patudos-Museu de Alpiarça integra cerca de 8000 obras de arte, entre pintura, escultura, tapeçaria e outras artes decorativas. A abrangência cronológica deste acervo museológico vai desde os finais do século XV até aos inícios do século XX. Efetivamente, as viagens que o patrono realizou ajudaram muito na constituição da coleção. A permanência em Madrid e as visitas a esta capital, antes e depois das funções diplomáticas, foram essenciais para o desenvolvimento deste conjunto artístico, associado a um conhecimento aturado dos

mercados de arte europeus desse tempo. O então diplomata tinha adquirido o gosto pela pintura espanhola muito jovem. Ainda em Portugal, a primeira obra que comprou foi um quadro de Emílio Sala (1850-1910)²², uma obra pertencente à coleção do Conde de Daupias (1818-1900). Relvas instalou-se em Madrid como «enviado especial» em 1911, numa primeira fase procurou estabelecer relações com os grandes conhecedores da arte espanhola e do mercado artístico dessa capital. Só a partir de 1912 começaria a adquirir obras de arte na cidade e não adquiriu apenas arte espanhola. Exemplificamos as ligações com agentes artísticos locais com a proximidade desenvolvida em relação ao fotógrafo e *marchand* Emílio Velo Ruiz (1872-1937), um dos seus apoios na compra de obras de arte em Espanha, ao longo da vida. Velo comprou para José Relvas uma vasta coleção de obras do pintor belga Carlos de Haes (1828-1898), uma grande referência do naturalismo hispano-flamengo. Em Madrid, também se torna frequentador de Astério Mañanos (1861-c.1935), famoso pintor especializado em retrato a quem encomendou o quadro oficial enquanto «embaixador de Portugal».

Regressado a Portugal, manteria na capital espanhola essa rede de contactos que lhe permitiu continuar a comprar arte nesse mercado com relativa facilidade. Uma das obras que exemplifica isso foi a cópia de *O triunfo de Baco* (Los borrachos), produzida por Rafael Hidalgo de Caviedes (1864-1950). Reputadamente, trata-se da melhor cópia desta bem conhecida obra, cujo original José Relvas visitou várias vezes no Museu do Prado. Em Espanha, também adquiriu a obra mais importante da coleção dos Patudos, referimo-nos ao *Retrato de Domenico Scarlatti*. É o único retrato conhecido desse músico e compositor napolitano que esteve em Portugal no reinado de D. João V (1689-1750) e foi professor de Maria Bárbara de Bragança (1711-1758). Scarlatti (1685-1757) viajou para Espanha no séquito dessa princesa e aí terá sido pintado pelo italiano Domingo Antonio Velasco (c. 1745–c. 1780). Esta obra tem um valor patrimonial incalculável. Em 1913, foi adquirida por Relvas em Madrid e custou 3250 pesetas²³.

²² Emilio Sala y Francés nasceu em Alcoy (Alicante) em 1850 e faleceu em Madrid em 1910. Grande pintor, estudou com Plácido Francés, seu primo, na Escola de Belas Artes de São Carlos de Valência. Em 1871 viaja para Madrid onde realiza várias cópias dos grandes mestres representados no Museu do Prado, principalmente Velásquez. Nesse ano apresenta-se à Exposição Nacional de Belas Artes com a obra *A prisão do Príncipe de Viana*. Em 1878 conquista a sua primeira medalha na referida Exposição. Em 1885 viaja para a Itália (Roma) e aqui conhece a obra dos grandes mestres do Renascimento. Nesse mesmo ano conhece os pintores espanhóis: Francisco Pradilla, Federico de Madrazo e Joaquín Sorolla. Viaja ainda para Paris onde conclui uma das suas obras mais conhecidas: *Expulsão dos Judeus de Espanha (ano de 1492)*. Dedicou-se sobretudo à pintura histórica, de carácter literário, costumes e retratos.

²³ AHCP — *Fundo Família Relvas*, «José Mascarenhas Relvas», cx. 153. (Recibo de Mariano Hernando relativo à aquisição que José Relvas fez para a sua coleção do *Retrato de Domenico Scarlatti*, 19 jan. 1913).



Fig. 6. Retrato de Domenico Scarlatti, atribuído a Domingo Antonio Velasco, óleo sobre tela, 1738/39. Fonte: CPMA 84.313

O acervo museológico da Casa dos Patudos constituiu uma das grandes e das mais versáteis coleções de arte do nosso país, como preponderância para os naturalismos e as artes decorativas de fim de século associados ao movimento internacional *Arts and Crafts*. Esse movimento estético esteve relacionado com o projeto Raul Lino, materializado numa casa com 101 divisões, albergando a coleção construída pelo patrono desde a juventude à velhice. A partir da morte do seu filho mais velho, Carlos de Loureiro Relvas, em 1919, o «lavrador artista» começou a construir a ideia de legar à comunidade a sua casa e todo esse recheio, já entendido como coleção visitável.

Deste modo, em 1928, redigiu um testamento no qual identificava a tipologia dos «bens artísticos integrados no acervo da Casa» e fazia reparos futuros para a organização do espaço, estipulando, por exemplo, a intervenção consultiva do Conselho de Arte de Arqueologia de Lisboa. Este legado foi composto ainda pelos 240 hectares da quinta e todo um pecúlio financeiro, bens destinados também à constituição de uma obra de assistência social. Conforme disposição testamentária, após a morte da esposa e posterior realização de adaptações, a Casa dos Patudos foi aberta ao público como Museu a 15 de maio de 1960.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: NOVAS PERSPETIVAS NOS ESTUDOS SOBRE JOSÉ RELVAS

Desde muito novo José Relvas se afigurava como herdeiro por tradições familiares e referências pessoais de um imaginário romântico do liberalismo português. Não optou por uma carreira política durante a Monarquia Constitucional, caminho que lhe teria sido facilitado pelas ligações familiares e pessoais e pelo seu perfil intelectual. Veio a envolver-se, politicamente, depois de um percurso sólido no mundo dos negócios e da agricultura, associado ao reconhecimento público enquanto crítico de arte, como músico amador e como afamado colecionador. Esse envolvimento político, como se sabe, esteve primeiramente correlacionado como os movimentos agrários dos vicultores do Sul, e só depois se tornou, ativamente, republicano. Na sua primeira passagem pelo poder procurou implementar um programa de liberalização económica e de equidade fiscal, associado ao equilíbrio das contas do Estado. No entanto, quer como diplomata quer mais tarde como chefe de Governo seria a necessidade ineludível de defender o regime das ameaças externas e internas a ditar o seu compromisso idealista com a República.

Ao longo de toda a vida, foi conciliando um quotidiano profissional de negócios agrários e financeiros, com uma intensa atividade cultural. Ficou bem conhecido nos meios musicais onde desenvolveu efémera, mas sólida, carreira de violinista amador, cuja reputação extravasou uma rede mais íntima de sociabilidades, para ser conhecida do público em geral. No recato de pequenas publicações de arte, desenvolveu a sua crítica e deu a conhecer as suas viagens culturais pelos grandes centros europeus. Urge completar um inventário da sua colaboração com periódicos especializados, em Portugal e no estrangeiro. Permanecem inéditos, solicitando uma edição crítica, os seus *Apontamentos de viagem*, pela Europa no início do século XX, como vimos. Desafios que resultam da abordagem desenvolvida no presente artigo.

Entre Alpiarça e Paris, entre Lisboa e Leipzig, José Relvas foi desenvolvendo os eixos da sua multifacetada personalidade. Entre o mundo rural, o bulício urbano e o ócio cosmopolita, construiria mundividências numa sociedade em transformação, da qual também foi protagonista. Na arte, na agricultura, nos negócios e na política, o conhecimento de todos esses contextos, nacionais e internacionais, também contribuiria para a sua afirmação pública e para as suas concretizações.

A redação final deste texto coincidiu com a organização de um primeiro encontro de estudos sobre José Relvas, qual teve lugar em março de 2019²⁴. Neste Seminário Nacional os eixos temáticos centrais («Arte», «Cultura» e «República») foram materializados em comunicações sobre atuação política e diplomática de José Relvas, sobre a família Relvas,

²⁴ Programa do Seminário Nacional *José Relvas: Arte Cultura e República*, realizado em 12 e 13 de março de 2019. Alpiarça: CPMA, AHCP, [policopiado]. O evento foi integrado nas comemorações do Centenário do Governo presidido por José Relvas em 1919 e contou com a intervenção de Sua Excelência o Presidente da República, professor doutor Marcelo Rebelo de Sousa e reuniu comunicações de 20 investigadores.

a coleção de arte, a Casa dos Patudos e o seu projeto educativo. Está em preparação um volume de atas. Esperemos este encontro possa ter continuidade reunindo o interesse da comunidade científica e permitindo desenvolver múltiplas abordagens sobre o complexo legado e percurso de um «homem poliédrico»: José Mascarenhas Relvas.



Fig. 7. «Casa dos Patudos», fotografia, autor desconhecido, início do século XX. Fonte: AHCP-MA



Fig. 8. «Casa dos Patudos», fotografia, Serviços Técnico da Casa dos Patudos-Museu de Alpiarça, início do século XXI. Fonte: AHCP-MA

FONTES

Arquivo Histórico da Casa dos Patudos

- AHCP — *Fundo Família Relvas*, «José Mascarenhas Relvas», cx. 01 a cx. 57. PT/AHCP/FR/JMR. (Correspondência recebida por José Relvas).
- AHCP — *Fundo Família Relvas*, «José Mascarenhas Relvas», cx. 10, pasta 7. PT/AHCP/FR/JMR. (Correspondência de José Relvas com Margarida Relvas).
- AHCP — *Fundo Família Relvas*, «José Mascarenhas Relvas», cx. 23, pasta 17. PT/AHCP/FR/JMR/A/01/023/17. (Correspondência de Magalhães Lima com José Relvas, 1909-1910).
- AHCP — *Fundo Família Relvas*, «José Mascarenhas Relvas», cx. 31, pasta 15. PT/AHCP/FR/JMR/A/01/031/15. (MESQUITA, Marcelino (1913) — [Carta] 1913 jun. 25, Pontével [a] José Relvas).
- AHCP — *Fundo Família Relvas*, «José Mascarenhas Relvas», cx. 85. PT/AHCP/FR/JMR/A/11/085. (*Notas de Arte e Recordações de Viagem*, [1900-1902], 10 ms).
- AHCP — *Fundo Família Relvas*, «José Mascarenhas Relvas», cx. 102. PT/AHCP/FR/JMR/A/04/102. (BÉLGICA. Legação (1885) — [Carta] 1885 set. 22 [a] José Relvas, arqueólogo, enviando diploma do grau de cavaleiro da Ordem de Leopoldo).
- AHCP — *Fundo Família Relvas*, «José Mascarenhas Relvas», cx. 153. PT/AHCP/FR/JMR/B/04/153. (Recibo de Mariano Hernando relativo à aquisição que José Relvas fez para a sua coleção do *Retrato de Domenico Scarlatti*, 19 jan. 1913).
- AHCP — *Fundo Família Relvas*, «José Mascarenhas Relvas», cx. 232. PT/AHCP/FR/JMR/B/26/232. (Diário de receita e despesas).
- AHCP — *Fundo Família Relvas*, «Carlos Loureiro Relvas», cx. 309. PT/AHCP/FR/CLR. (Correspondência de José Relvas com Carlos Loureiro Relvas).
- AHCP — *Fundo Família Relvas*, «Eugénia Loureiro Relvas», cx. 315. PT/AHCP/FR/ELR. (Correspondência de José Relvas com Eugénia Loureiro Relvas).
- AHCP — *Fundo Família Relvas*, «Casa dos Patudos». PT/AHCP/CP-MA.

Arquivo Histórico Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros

- AHDMNE — Processo individual de José Relvas, Processo 300. PT/AHDMNE/SE-SC/DGSA-RPAT/032/UI00084. (RELVAS, José (1912) — [Carta] 1912 nov. 10, Madrid [a] Ministro dos Negócios Estrangeiros).

Arquivo do Museu Bernardino Machado — Câmara Municipal de Famalicão

- AMBM-CMF — carta n.º 10. ([RELVAS, José] (1912) — [Carta] 1912 nov. 1 [a] Bernardino Machado).

BIBLIOGRAFIA

1. Bibliografia ativa de José Relvas

- RELVAS, José (1881) — *Uma paisagem de Vizella*. «A Volta ao mundo: jornal de viagens e assumptos geográficos», vol. 1, p. 246.
- (1902) — *Puvis de Chavannes (Notas de viagem) (I e II)*. «A Arte Musical», anno IV, n.º 76 (28 fev. 1902), p. 30-31; n.º 77 (15 mar. 1902), p. 38-39.
- (1903) — *Notas de Viagem (I e conclusão)*. «A Arte Musical», anno V, n.º 104 (1 mai. 1903), p. 87-91; n.º 105 (15 mai. 1903), p. 99-103.
- (1904) — *Notas de Viagem – Alguns artistas modernos no Louvre*. «A Arte Musical», anno VI, n.º 121 (15 jan. 1904), p. 5-8.
- (1909) — *Max Klinger — Beethoven (Escultura existente no Museu de Leipzig)*. «A Arte Musical», anno XI, n.º 265 (31 dez. 1909), p. 293-294.

——— (1977) — *Memórias Políticas*. Prefácio João Medina; introdução e notas Carlos Ferrão. Lisboa: Terra Livre. 2 vols.

2. Bibliografia passiva de José Relvas

BATISTA, Vanessa (2015) — *O Governo de José Relvas: uma tentativa de equilíbrios no pós-guerra (janeiro de 1919-março de 1919)*. In PEREIRA, Gaspar Martins; ALVES, Jorge; ALVES, Luís Alberto Marques; PEREIRA, Conceição Meireles, coord. — *A Grande Guerra (1914-1918): Problemáticas e Representações*. Porto: CITCEM, p. 57-66.

——— (2016) — *Uma Diplomacia Estratégica: José Relvas em Madrid (1911-1913)*. Lisboa: FLUL. Dissertação de Mestrado.

BELMIRO (1919) — *Em Foco – José Relvas*. «O Século Cómico», ano XIII, n.º 1104 (10 fev. 1919), p. 3 [Poema Satírico].

CUNHA, Norberto (2011) — *José Relvas e Bernardino Machado (Correspondência)*. «Boletim Cultural de Vila Nova de Famalicão», 2.ª série, n.º 6/7, p. 479-486.

NORAS, José Raimundo (2009) — *Fotobiografia de José Relvas*. Prefácio de Mário Soares; introdução de João Bonifácio Serra. Leiria: Imagens e Letras.

PAZ, Laurinda Santos da (2013) — *Arquivos de Casas-Museu. O Arquivo da Casa dos Patudos*. Évora: Universidade de Évora, vol. 1. Dissertação de Mestrado.

SERRA, João Bonifácio, coord. (2008) — *José Relvas: o conspirador contemplativo*. Lisboa: Assembleia da República.

3. Outras referências

ADEGA Regional do Ribatejo. «O Século», 28.º ano, n.º 9671 (19 nov. 1908), p. 1.

PRATES, Nuno (2015) — *Imagens de Salvaterra de Magos vistas pela lente de Carlos Relvas*. «Magos: Revista Cultural do Concelho de Salvaterra de Magos», n.º 2, p. 111-118.

——— (2016) — *Constantino Fernandes e o seu legado artístico e cultural*. «Magos: Revista Cultural do Concelho de Salvaterra de Magos», n.º 3, p. 255-262.

——— (2017) — *A Casa dos Patudos – Museu de Alpiarça: o vinho, a vinha e a arte*. In GUERREIRO, Alberto; MADURO, António; CUSTÓDIO, Jorge; GONÇALVES, Eduardo, coord. — *Enomemórias, Museologia e Património do Vinho (Território, Sociedade e Desenvolvimento)*. Lisboa: edições ISMAI/ /CEDTURISMAI, p. 41-50.

ROCHA, Luzia; PRATES, Nuno (2015) — *A iconografia musical na colecção de leques da Casa dos Patudos: análise de aspectos temáticos e organológicos*. «Cuadernos de Iconografia Musical», vol. II, n.º 1, p. 9-38.

